

**CELEBRAR A FÉ EM DEUS E O AMOR A PÁTRIA:
A RELIGIÃO E O CIVISMO NA ESCOLA PAROQUIAL DE SERROTE
(BAHIA 1941-1957)**

Tânia Mara Pereira Vasconcelos*

RESUMO

Este estudo se propõe a analisar concepções e práticas da Escola Paroquial do Povoado de Serrote (BA). Essa escola fazia parte de uma rede de escolas fundadas por um padre austríaco cisterciense na região de Jacobina, contando com o apoio de parte da elite local. A escola paroquial possuía uma estrutura simples, oferecendo ensino primário gratuito para crianças e adolescentes em classes multisseriadas. Os ideais propagados por ela estavam em sintonia com os valores patrióticos e nacionalistas do Estado Novo, sendo o civismo, ao lado da religião, um forte componente disciplinador. A idéia de formar um cidadão católico, civilizado, higienizado e disciplinado, constituía o principal objetivo dessa escola; no entanto, havia resistências a esse sistema, sendo possível perceber uma distância entre a norma e prática.

Palavras-chaves: Escola paroquial – religião – civismo.

ABSTRACT

This study is aimed at analyzing conceptions and practices of the Parochial School in the Serrote Settlement. The school was part of a series of schools founded by an Austrian Cistercian Monk in the Jacobina (Bahia) region, relying on the support of the local elite. Characterized by a simple structure, the Parochial School offered free primary schooling for children and teenagers in multigrade classes. The school conveyed ideas in tune with the patriotic and nationalistic values of the Brazilian New State regime, making civism, alongside religion, a strong disciplinary component. The idea of shaping a catholic, civilized, clean and disciplined citizen was the school's principle goal; however, such a system faced some resistance, revealing a gap between the norm and its practice.

Key Words: Parochial school – religion – civism

* Professora da Universidade do Estado da Bahia, Mestre em História Social pela USP.

As festividades do Jubileu do Padre Alfredo Haasler

[...] Para manter, de maneira eficiente a *instrução religiosa e cívica* entre os inúmeros habitantes de sua vasta jurisdição espiritual, instalou e mantém 15 Escolas Paroquiais, nesta cidade e no interior do município, com a matrícula de 882 alunos. Tendo observado, nas suas peregrinações pelo interior do município, a precária situação econômica e sanitária em que vive a humilde população rural, fundou, em maio de 1947, a Cruzada Social, com o objetivo de assistir a essa população desamparada dos poderes públicos, a qual êle distribui, periodicamente, roupas, calçados, gêneros alimentícios e medicamentos. (...) Trata-se de admirável assistência espiritual, educacional e social, fundada e administrada por êle, em benefício dos seus paroquianos, especialmente dos pobres dessa cidade e do interior do município. (grifo meu)

Jornal *Vanguarda*, Jacobina - BA, 26.07.1958

O Padre austríaco cisterciense Alfredo Haasler chegou em Jacobina em 1938, fundando no ano seguinte a primeira escola paroquial. A implantação dessas escolas, além da realização de outros trabalhos assistenciais, citados na matéria acima, tornou o Padre Alfredo uma figura extremamente conhecida e politicamente importante naquela região, exercendo nas comunidades rurais onde atuava uma influência maior que a do Estado.

As escolas paroquiais se destacam na matéria por “manter a instrução religiosa e cívica” daquela população, o que indica a predominância desses valores naquela instituição escolar. O principal objetivo do Padre Alfredo ao fundar essas escolas provavelmente tenha sido o de catequizar aquele povo sertanejo, como aponta a sua biografia: “o povo que freqüentava suas celebrações era em sua maioria analfabeto e detinha poucos conhecimentos dos sacramentos” (LEMOS,1999. p. 19). O desejo de “purificar” um catolicismo popular, marcado por práticas profanas, é um importante elemento da atuação desse padre cisterciense, demonstrado através de sua prática de repressão aos costumes populares, como a existência de elementos profanos em festas católicas.

Embora a manutenção das escolas paroquiais fosse advinda principalmente de entidades católicas estrangeiras, o apoio de políticos influentes daquela região foi um dos fatores que contribuíram para o sucesso desse projeto educativo, que chegou a atingir, no momento de maior expansão, 48 escolas (LEMOS,1999. p. 15), tendo recebido também, embora de forma esporádica, subvenções públicas estaduais e federais.

As escolas paroquiais possuíam uma estrutura simples, funcionando com uma única classe, no sistema de ensino multisseriado. Com base na chamada “pedagogia tradicional”, a escola procurava manter a ordem e a disciplina através da utilização de castigos físicos, bem como da distribuição de prêmios aos “melhores alunos”.

A Escola Paroquial no Povoado de Serrote

“Se não fosse Padre Alfredo isso aqui só tinha analfabeto!”¹ A afirmação, feita pelo Sr. Florivaldo, aluno da primeira turma da escola paroquial de Serrote, reflete a importância da “escola do Padre Alfredo” no imaginário daquela comunidade. No início da década de 1940 a inexistência de escolas públicas era uma realidade comum à maioria das comunidades rurais localizadas no semi-árido baiano.

O povoado de Serrote, atual município de Serrolândia, pertencia ao município de Jacobina, na Bahia, ficando localizado na região semi-árida do Piemonte da Chapada Diamantina, a 319,9 km de Salvador; iniciou seu povoamento em 1929 e foi fundado como povoado, na década de 1940. Tornou-se vila em 1953, quando teve seu nome mudado para Serrolândia, tendo conseguido a emancipação política em 1962; sua principal atividade econômica durante o período estudado era a agricultura, destacando-se a plantação de mandioca e mamona (REIS, 1994, p. 15).

No Povoado de Serrote, a escola paroquial funcionou durante dezessete anos, entre 1941 e 1957, tendo sido até 1947 a única escola institucional existente. A disciplina da escola era calcada em rígidos princípios religiosos. Os alunos tinham aulas de catecismo e a oração no início das aulas fazia parte do ritual diário da escola, como disse se recorda a ex-aluna Vilce:

Antes de iniciar, pela manhã e à tarde, tinha que rezar “Em nome do Pai”... rezava o “Pai Nosso” pra começar. (...) Tinha um tema do catecismo onde dizia: Quem é Deus? Deus é... Onde é que está Deus? Deus está em toda parte... Só que primeiro a gente gravou isso mesmo, né? (...) Essa idéia do pecado... olhar para uma pintura... Menina! Foi uma coisa ali, é... rigorosa. Tudo é pecado, tudo é pecado! Os fundamentos... Tudo isso aí a gente aprendeu.²

Os alunos da escola paroquial deveriam ser necessariamente católicos, freqüentando todas as missas e outras atividades religiosas nos finais de semana. A professora Isabel, ao ser questionada sobre a freqüência dos alunos às aulas, relacionou-a com o serviço religioso:

Tinha chamada todos os dias e tinha o livro de chamada, botava falta. A gente já corrigia, chamava o pai na escola, não podia faltar. Não podia faltar o serviço religioso também. Também tinha obrigação... a gente preparava para a primeira comunhão, para a crisma, para o batismo.³

No Livro de Termos da Escola de Serrote aparece registrada em 1944 a realização do Sacramento da Primeira Comunhão dos alunos da Escola Paroquial com um título curioso:

¹ Florivaldo Magalhães Souza, ex-aluno, entrevista concedida em 21.11.2007.

² Vilce Vilas Boas, ex-aluna, entrevista concedida em 07.09.2007.

³ Isabel de Fátima Lima, ex-aluna e ex-professora paroquial, entrevista concedida em 12.08.2006.

Festas escolares

Decorreu aos vinte e nove dias do mês de novembro de mil novecentos e quarenta e quatro a Primeira Comunhão da Escola Paroquial de Serrote, tomando parte vinte e um alunos. Este fato ocorreu-se às sete horas da manhã do referido dia, indo os alunos que tomavam parte, decentemente trajados, tendo em frente três alunas vestidas de alvo, simbolizando a pureza das alunas juvenis. Na capela deste povoado por ocasião da celebração da missa, os alunos entoaram cânticos religiosos e receberam pela primeira vez a visita de Jesus em seus corações.

Na noite anterior foi levado um drama em benefício da capela deste povoado, no qual tomaram parte quase todos os alunos da referida Escola. Esse drama foi assistido pelo padre Alfredo Haasler e por quase toda a população deste povoado e arredores.

Constou de várias comédias, monólogos, cânticos, etc, sendo todos decentes, dando-nos lições de moral e até mesmo religiosas.

A Primeira Comunhão ocorreu em um contexto festivo, no dia seguinte à realização de um evento artístico. A professora destaca a decência tanto nas vestes dos alunos, como nos textos dramatizados, associando a brancura das roupas das alunas à pureza. A decência nas vestes é um tema também é mencionado em alguns depoimentos, como uma preocupação do Padre Alfredo não apenas em relação aos alunos, mas a toda comunidade católica. Segundo a ex-aluna Áurea:

Até me perguntaram se eu já estudei em escola paroquial, se eu já pensei em ser freira alguma vez, por que eu era tão assim... obediente àquele Deus que parecia que a gente tava pecando se fugisse daqueles ensinamentos. Que a gente nem usava uma roupa assim... era manga aqui (mostra o meio do antebraço) (...) Todo mundo tinha um véu pra ir pra Igreja (...) E Padre Alfredo se chegasse alguém sem uma manga ele pegava pelo braço e colocava pra fora da Igreja. Vi muito isso!⁴

A ex-aluna destaca as marcas da formação escolar religiosa em seu comportamento futuro. Como um contraponto à repressão, a escola procurava conquistar a simpatia dos alunos através das atividades lúdicas, como as descritas na ata acima. Os espetáculos com a participação dos alunos da escola paroquial eram promovidos constantemente no Povoado de Serrote em festividades religiosas ou cívicas, constituindo uma forma de evangelização e também de entretenimento para a comunidade. Na ata apresentada anteriormente podemos perceber o caráter evangelizador dos espetáculos, “dando lições de moral e religiosas”.

Boto destaca nos primeiros colégios jesuíticos a importância de “criar métodos e técnicas atraentes com vistas a seduzir o coração do aluno, cativá-lo para o aprendizado: declamações, disputas, competições, debates, jogos, teatro (...)” (2002. pp. 24-25). Na escola paroquial de Serrote, algumas dessas estratégias eram utilizadas, tanto como recurso pedagógico no cotidiano da sala de aula, quanto como forma de espetáculos apresentados para o público. A ex-aluna Dalva destaca a importância das apresentações públicas promovidas pela escola como forma de cativar os alunos:

⁴ Áurea Ferreira Franco, ex-aluna, entrevista concedida em 20.12.2007.

(...) Outra coisa que a gente fazia muito na escola, a gente fazia muito parte, ali de representações na igreja. Aí sempre eu também tava no meio, eu e minha irmã. Minha irmã e tinham mais outras lá também que gostavam... Se tinha uma apresentação, sempre a gente tava no meio, a verdade é essa, né? A gente gostava muito de palco.⁵

A teatralidade dos eventos promovidos pela escola paroquial em comunidades rurais nas quais, segundo os depoimentos, a ocorrência de festas profanas e outros divertimentos era escassa, representava uma importante estratégia de evangelização. As missas celebradas pelo Padre Alfredo eram seguidas de desfiles dos alunos da Escola Paroquial, estes constituíam uma espécie de parada cívico-religiosa, na qual os alunos uniformizados levavam bandeiras e entoavam cânticos. Os depoentes enfatizaram o aspecto festivo desses eventos:

Elisabete: No dia que dizia assim: “Olhe, tem missa... a missa é tal dia... separa as fardas...” Oh! Meu Deus do céu! Era tudo engomado, porque naquele tempo era tudo na goma... era bonito, muito bonito! (...) Oh, meu Deus! Era a maior festa de Serrolândia, era o desfile da escola paroquial. Esse pessoal da redondeza tudinho, que tinha os filhos estudando aqui, vinha tudo. Vinha pra missa e ficava à tarde só pra ver o desfile.⁶

Áurea: Acreditava assim como um Deus naquela época, viu? Padre Alfredo era muito respeitado, por todas as idades, e no dia dele era festa. Ele chegou, era festa. (...) A gente ia pra missa, uma missa especial, uma missa assim muito... muita gente da roça vinha participar dessa missa, não tinha transporte, o povo vinha a cavalo, andava, não tinha isso. Todo mundo participava, era uma coisa assim sagrada. (...) Mas era uma festa; festa de alegria e de participação verdadeira. Ninguém poderia faltar não, até pecado era.⁷

O uniforme escolar era utilizado apenas nos desfiles e celebrações, o que demonstra a importância desses eventos para a comunidade, constituindo o momento em que a escola era exibida e admirada por todos. Podemos perceber nesses desfiles a combinação de elementos cívicos e religiosos; nesse contexto de propagação do nacionalismo, a religião e o civismo andavam juntos em um projeto disciplinador.

Além das festas religiosas as festas cívicas eram comemoradas com muito empenho, sendo o Sete de Setembro a principal delas. Os desfiles eram muito bem organizados e constituíam verdadeiros espetáculos, envolvendo toda a comunidade, sendo um ponto comum e marcante na memória dos depoentes.

Isabel: As crianças sabiam o hino nacional tranqüilo, em qualquer lugar... e hoje você vê, inicia a aula, as crianças nem valorizam mais. A bandeira era um símbolo de... a gente dizia o significado da bandeira. Hoje as crianças pisam na bandeira, faz tudo. Naquele tempo era coisa de respeito a bandeira nacional.⁸

⁵ Dalva Vilas Boas Matos, ex-aluna, entrevista concedida em 24.11.2007.

⁶ Elisabete Vieira Mendes dos Santos, ex-aluna, entrevista concedida em 07.09.2007.

⁷ Depoimento citado.

⁸ Entrevista concedida em 24.12.2007.

Elisabete: Aí é que era bonito! Sete de Setembro, Quinze de Novembro, assim... aí é que era bonito! Era uma festa maravilhosa! (...) Cada recitativa linda que o aluno recitava. Assim... aquela declamação, aquela coisa bonita!⁹

De todos os temas tratados nas entrevistas, o que mais suscitou empolgação e saudosismo entre os depoentes foram as festas cívicas promovidas pela escola paroquial. No livro de termos esse é o tema mais tratado, sendo que as datas comemoradas, por ordem decrescente de quantidade de registros, foram: 7 de setembro (Independência do Brasil), 15 de novembro (Proclamação da República), 1º de maio (Dia do Trabalho), 21 de abril (Morte de Tiradentes), 21 de setembro (Dia da árvore), 19 de novembro (Dia da Bandeira) e 2 de julho (Independência da Bahia). Além dessas datas tradicionais, no ano de 1944 foi registrada ainda a comemoração solene do Aniversário do Presidente Getúlio Vargas e o Fim da 1ª Guerra Mundial.

O Sete de Setembro era a data cívica de maior destaque, sendo registrada em quase todos os anos que constam no livro de termos, além de ter sido a festa mais citada nos depoimentos. De acordo com as atas, o ritual da comemoração variava pouco de um ano para outro, geralmente durando o dia inteiro, sendo que a maioria seguia essa sequência: pela manhã, em frente à escola, havia o hasteamento da bandeira e a entoação do hino nacional; à tarde os alunos eram reunidos novamente para a realização do desfile pelas ruas do povoado, finalizando com uma parada na praça, onde havia apresentações para o público de canto orfeônico, poesias e ginástica; às 18:00 hs retornavam à escola, para o encerramento da festa com a descida da bandeira e novamente a entoação do hino.

No ano de 1948, a festa cívica descrita no Livro de Termos, teve a programação mais extensa. Iniciou-se às 4:00 hs da manhã com a alvorada, que terminou às 5:30; às 7:00 hs novamente os alunos foram reunidos para a sessão solene do hasteamento da bandeira, como de costume, e voltaram a marchar pelas ruas até as 9:00 hs. À tarde, retomou-se a programação: “as 4 horas com mais solenidade houve passeatas nas ruas e números de ginástica, às 5 horas houve solene entoação de hinos,” em seguida falaram “com entusiasmo” quatro alunas e a professora, sendo todas aplaudidas pelo povo; às 6 horas, como de praxe, ocorreu a descida da bandeira e a entoação do hino nacional. A maior novidade dessa programação foi que, ainda à noite, no salão da escola, “fora de todo o dever cívico, houve em particular, gratuitamente, solene hora da arte dedicada ao povo pela regente escolar.” A programação dessa atividade artística foi composta por “um grande número de canções, diálogos e bailados pelos mesmos alunos.” É impressionante a resistência física dos alunos e

⁹ Depoimento citado.

da professora durante essa maratona que, sem considerar os intervalos, ocupou, no mínimo, 16 horas daquele dia, havendo três momentos de desfile cívico. A motivação para tanto esforço talvez fosse advinda dos sentimentos patrióticos despertados pela escola, além do prazer de se exhibir para a população daquela comunidade, expressa em vários depoimentos. Vejamos como alguns ex-alunos se recordam dos desfiles:

Elvira: Era lindo, viu? Era um desfile, a gente tudo fardado e cantando, cantando o hino nacional, cantava o hino da bandeira, ainda tinha poesia. (...) Subia numa cadeira pra recitar, tudo no meio da rua pra todo mundo ver. Era bem divertido! (...) Todo mundo da cidade, minha filha, acompanhava. Era uma festa! Naquele tempo tinha festa, viu?¹⁰

Reinaldo: O 7 de setembro era uma festa muito bonita, inclusive eu fazia parte do conjunto, eu tocava tambores. No dia 7 de setembro a gente acostumava acordar às quatro horas da manhã pra alvorada, depois tinha o desfile. O povo vinha das roças e gostavam do dia 7 de setembro.¹¹

Dalva: 7 de setembro era a festa da época (...) Nessa época tinha aquela coisa de alvorada... 7 de setembro lá... 7 de setembro é uma folia por que todo mundo levantava de madrugada, todo mundo queria ir pra alvorada. Tinham aquelas marchas, todo mundo marchava, entendeu?¹²

A beleza dos desfiles foi ressaltada por todos os depoentes. As festas cívicas representavam momentos celebrativos proeminentes para a escola da época, nos quais a disciplina da escola era exibida para a população.

As apresentações feitas para o público nas festas cívicas, além dos desfiles, continham discursos alusivos à data, poesias, canto orfeônico e números de ginástica. Segundo os depoentes, as poesias eram fornecidas pela professora e os alunos que tinham mais afinidade com a arte memorizavam e recitavam para o público. O ex-aluno Florivaldo era um desses alunos:

Na praça, no meio de todo mundo! (...) Poesia de Castro Alves, de Casemiro de Abreu... eu era danadinho, eu decorava tudo. (...) Recitava poesia, já tinha um discursozinho também, de batizado, de casamento. Tinha que falar, não podia parar não, tinha que falar. Se nós éramos os melhores, se tava na escola! Escolinha daqui, uma escola boa. Nós éramos os melhores, quem tava na escola todos eram os melhores!¹³

O depoente ressalta a importância da retórica nessa escola, destacando o mérito de quem tinha acesso à educação formal. Eles eram considerados “os melhores” por ter acesso a um saber negado à maioria daquela população rural, daí serem os responsáveis pelo uso da fala também em outros momentos solenes, não apenas nas festas cívicas.

¹⁰ Elvira Sousa Rios, ex-aluna, entrevista concedida em 21.11.2007.

¹¹ Reinaldo Moreira de Lima, entrevista concedida em 10.04.2007.

¹² Depoimento citado.

¹³ Depoimento citado.

As apresentações de hinos patrióticos ou orfeões são mencionadas em algumas atas e depoimentos. D. Noemia consegue lembrar-se de trechos de hinos memorizados na época da escola, na década de 1940:

Você vê que até hoje eu lembro assim as músicas. (...) Eu lembro que a gente cantava aquele: *Confio na escola em que aprendemos, com testemunho varonil, amar a terra em que nascemos, a defender com amor o nosso Brasil. Em cada letra do alfabeto que ocupa milhões de luz, em cada luz irrequieta uma estrela no céu da Santa Cruz.* (...) A gente cantava, saía cantando: *Falange de herói sublime, oh pátria amada! Por noite clamas a guerra empenhada, pátria dourada teu filho chama...* Era bonito esse, era lindo. Ah! A gente saía no dia Sete cantando isso.¹⁴

Segundo a depoente os hinos eram cantados também durante os desfiles e não apenas nas paradas feitas para as apresentações. No contexto da época o canto orfeônico representava a disciplina por excelência da formação do orgulho nacional e do patriotismo; ela já constituía matéria obrigatória do currículo dos cursos secundários desde a Reforma Francisco Campos em 1931, tendo se tornado obrigatória também nos cursos primários através de um decreto lançado em julho de 1934. De acordo com Horta:

A obrigatoriedade do canto orfeônico é justificada no decreto não apenas pela “utilidade do canto e da música como fatores educativos”, mas também pelo fato de o seu ensino, enquanto “meio de renovação e formação moral e intelectual” ser “uma das mais eficazes maneiras de desenvolver os sentimentos patrióticos do povo” (1994. p. 147).

A atuação de Heitor Vila Lobos foi fundamental para a implantação dessa atividade em nível nacional. No início da década de 1930, por meio da Superintendência de Educação Musical e Artística (SEMA), sob a responsabilidade do maestro, desenvolveu-se um trabalho intenso de implantação de orfeões escolares e de formação de professores.

O decreto de 1934 também instituiu a obrigatoriedade da educação física nos cursos secundários, justificando-a com base em argumentos eugênicos. Na escola primária essa disciplina já havia sido instituída pela maioria das reformas estaduais da década de 1920, inclusive pela de Anísio Teixeira, na Bahia.

Na Escola Paroquial, além das atividades de educação física desenvolvidas pelas professoras, havia um “instrutor das escolas paroquiais” convidado pelo Padre Alfredo para ministrar atividades físicas com características militares. Ele era um militar, sargento ou tenente, chamado Hélio Vieira, pertencente ao Tiro de Guerra de Jacobina. Vários depoentes se recordam desse fato:

¹⁴ A depoente se recorda de outros trechos de hinos patrióticos; optei por colocar apenas esses por considerá-los significativos. Noemia Rodrigues Silva, ex-aluna, entrevista concedida em 22.11.2007.

Elvira: Parece que ele veio uns três anos. (...) ensinar a gente marchar, pra a gente dar a volta, ele dizia: “meia volta, volver”... e fazer ginástica. Tinha outro que se chamava baliza (...) Fazia exercício, fazia caminhada. Era... a gente saía marchando quando chegava nas estradas... Aí a gente vai fazer física, só vendo como era. Era divertido, eu gostava.¹⁵

Florivaldo: Chamava ginástica; fazia os exercícios todos de marchar de dar aqueles pulos, se abaixar, levantar, fazer isso, fazer aquilo, rodar rapidamente. (...) Vinha um cara de Jacobina do tiro de guerra, um tal de... Aí foi duro, ele fez da gente soldado.¹⁶

No livro de termos a estadia desse “instrutor das escolas paroquiais” no Povoado de Serrote foi registrado apenas no ano de 1949, no período de 18 a 26 de abril:

(...) houve durante esses dias aulas físicas, inclusive a vários ensinos de jogos corridas e aulas ginásticas para recreios e ensaio de hinos patrióticos. Para este fim passou o esforçado sr. instrutor nove dias nesse povoado, e acentuo, que durante os mesmos, foi com ordem do Diretor das Escolas Paroquiais que não houve aulas em outras matérias além da “Instrução Física” tão útil e indispensável para o desenvolvimento da criança.

A suspensão das aulas das outras matérias durante nove dias, nos quais a escola ficou totalmente voltada para a “instrução física”, indica a importância dessa atividade para a escola paroquial. Desde o início do período republicano, como assinala Souza, a educação física como disciplina escolar destacava-se por suas finalidades higiênicas e moralizadoras. “Tornar os corpos ágeis, fortes, robustos, vigorosos. Desenvolver a coragem, o patriotismo. Todo um investimento no corpo dos indivíduos que os engalfinhava nos ideais de moralização e ordenação social”. (SOUZA, 1998. p. 179)

No período do Estado Novo esses ideais são reforçados a partir de uma crescente participação do exército na esfera educacional. Nesse contexto, além da ampliação da importância da educação física, ganha relevância também a instrução pré-militar (HORTA, 1994. p. 54).

No caso da escola paroquial de Serrote, nas aulas de “instrução física”, ministradas pelo militar, podemos perceber claramente características de uma instrução pré-militar; além das atividades físicas, os alunos eram treinados a marchar como soldados e a entoar hinos patrióticos. Podemos perceber nessa escola as permanências de um modelo educativo instaurado pelo Estado Novo, mesmo após a sua queda. Um dado interessante a esse respeito é que um quadro do Presidente Getúlio Vargas e algumas cartilhas do Estado Novo permaneceram no material da escola, pelo menos até 1951, muito tempo depois da queda de Vargas.

¹⁵ Depoimento citado.

¹⁶ Depoimento citado.

As escolas paroquiais, embora fossem dirigidas por um padre estrangeiro, propagavam, juntamente com a doutrina católica, os valores patrióticos típicos da escola da época. Em todo o período pesquisado (1941-1957) podemos perceber uma associação entre valores cívicos e religiosos visando garantir a disciplina da escola paroquial. O sucesso desse modelo deveu-se em parte à capacidade de produzir sensibilidades, envolvendo a população nos rituais da escola, que misturavam ideais ao mesmo tempo católicos e nacionalistas. A teatralidade desses eventos certamente seduzia e fascinava.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOTO, Carlota. O desencantamento da criança: entre a Renascença e o Século das Luzes In FREITAS, Marcos Cezar de & KUHLMANN JR, Moysés (orgs.). *Os Intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002.
- HORTA, José Silvério Baía. *O hino, o sermão e a ordem do dia: A educação no Brasil (1930-1945)*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.
- KREUTZ, Lúcio. *Professor paroquial: magistério e imigração alemã*. 2ª Ed. Pelotas: Seiva, 2004.
- LEMONS, Doracy Araújo. *O missionário do Sertão, biografia de Padre Alfredo Haasler*, Jacobina – BA: Santa Cruz Artes Gráficas, 1999.
- LOPES, Eliane Marta T., VEIGA, Cynthia Greive & FARIA FILHO, Luciano M., (orgs.), *500 anos de Educação no Brasil*. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. *História da Escola em São Paulo e no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/ Instituto Braudel, 2005.
- MENEZES, Jaci Ferraz de (Org.). *Educação na Bahia*. (Coleção Memória da Educação na Bahia). Salvador: Editora da UNEB, 2001.
- REIS, Diomedes Pereira dos. *Serrote de ontem, Serrolândia de hoje*. Salvador: Press color, 1994.
- SCHWARTZMAN, Simon, BOMENY, Maria Helena Bousquet, COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Unesp, 1998.